

1952
p. 14, #

MUSEU DE ARTE MODERNA

DO

RIO DE JANEIRO

5: sala em cartões postais
e catálogo curso
Joan
10: cita I^o BISP (Joan)
cita Joan expo artistas
Bras

Rua da Imprensa, 16-A

Tel.: 52-7432

BOLETIM DE DEZEMBRO

1952

N.º 3

14: curso Inf de Joan

EXPOSIÇÃO CÍCERO DIAS

Apresentação de um retrospecto de sua obra — Pessoas presentes

Com a presença de altas autoridades, artistas, jornalistas e pessoas de nossa sociedade, realizou-se, no dia 20 de novembro, a abertura da Exposição Cícero Dias, que apresenta um retrospecto de sua obra, desde 1928 até a época atual.

Estiveram presente os Srs.: Nelson Rockefeller e Senhora; Ministro Horácio Lafer; Embaixador Mário de Pimentel Brandão; Senadores Marcondes Filho e Ismar de Goes Monteiro, Embaixador Lourival Fontes, Deputados Euvaldo Lodi, Jorge Lacerda, Gustavo Capanema, Aldo Sampaio, Leoberto Leal, Sr. Ricardo Jaffet, Prefeito João Carlos Vital, sr. Antônio de Faria, Embaixador de Portugal, Embaixadores Maurício Nabuco e Carlos Martins Pereira de Souza, João Soares Sampaio, Aloysio de Paula, Aloysio de Salles, Maria Martins; Rodrigo Mello Franco de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Antônio Moniz Vianna, Levi Carneiro, Alvaro Lins, Mário Pedrosa, Manoel Bandeira, Origenes Lessa, Ivan Serpa, Rubem Braga, José Lins do Rêgo, Jaime Ovalle, Jaime Maurício, Sr. e Sra. Austregésimo de Athayde, Spitzman Jordan, Carlos Drummond de Andrade, Antônio Bento, Flávio de Aquino, Mário Barata, Quirino Campofiorito e Sra., pintor Inimá, Jorge de Lima, Afonso Eduardo Reydi, José Simeão Leal, Otto Maria Carpeaux e Sra., Vinicius de Moraes, Vera Bocayuva Cunha Assunção, Marcelo Roberto e Sra., Sra. Simões Filho, Odilon Braga e sra. sr. e sra. Alfredo Siqueira, sr. e sra. Ari Monteiro Lopes, sra. Adriana Janacopulos, sr. e sra. Aluísio Carvão, sr. Alberto Dines, sr. e sra. Abelardo da Fonseca, Alexandre dos Anjos, dr. Aloysio de Paiva, dr. Azélio Marcondes, Arthur Sampaio, sra. Arthur Bernardes, Antônio Mesquita Bonfina, Armando Ventura, Abrahão Koogan, Adail Carvalho, sr. e sra. Alda-

ry Henrique Toledo, Antônio Câmara Canto, sr. e sra. Mário Alves da Fonseca Filho, Abraham Palatnik, Antônio Leão Velloso, Alfredo Frederico Sedlmayer, Anna Bella Waldman, Antônio Luiz Mello Silva, Alexandre Rapoport, ministro Alvaro Teixeira Soares, Antiógenes Chaves, Ana Maria Martins, Antonieta Leal Perez, sr. Barros Carvalho, sra. Bocayuva Cunha, sr. e sra. Baldomero Barbará Filho, Barreto Leite Filho, Beatriz de Berredo Canheiro, sr. Caio Pinheiro e sra., sr. Conrado Wrzos, Carlos Gomes de Oliveira, Carlos da Cunha, Cassio Fonseca, Corina de Lima e Silva Carneiro, Carlota Macedo Soares, Caciopere Torres, Carlos da S. R. Perry e sra., Cypriano Amoroso Costa, Cândido Mendes de Almeida, Cesar Augusto de Araújo Mesquita, Darel, Décio Vieira, Doanto Mello Junior, dr. Delsue Moscoso, Dorcelino Moreira, Dyla Sylvia Navarro de Andrade, sra. Diva A. M. Pinto, Dea de Campos Lemos, David Band, Dirceu Nicolau Tortorella e sra., Eneas Silva, Eros Gonçalves, Esther Sá Earp, Eurico Nogueira França, Edmundo Lins, Elmano Cardim e sra., Eustachio Duarte, Edgar Guimarães do Valle, Eurico Souza Leão, Ernani Mendes de Vasconcelos, sra. Egas Moniz, Edgar Guimarães do Vale, Floriano Peixoto Keller, France Dupaty, Frank Schaeffer, Frederico Carnauba, sr. Fontenelle, Fayga Ostrower, Gastão Worms, Geraldo Jurgensen, Gilberto Corrêa, Gilda Maria Monteiro Vieira, Geraldo Cavalcanti, Heide Kadov, sr. e sra. Henrique Klyszcz, sr. e sra. Hugo De Lamare, Hélio Guerreiro, Hélio Modesto, Humberto Mattarazzo, Herculano Thomaz Lopes, sr. e sra. Harold Spence, embaixador Ivan Vejvoda e sra., ministro Ildefonso Falcão, Ignez Barros Barreto Correia d'Araújo, José E. Gonçalves, José Ribamar

Ferreira, José Chaves, José Fernandes Barbosa, João Carlos da Silva Borda, José Piquet Carneiro e sra., representante do sr. Joaquim Rolla, José Fernandes Barbosa, Jayme de Barros, Jorge Machado Moreira, José Lavrador de Sá, José Condé, José Auto, João Batista Telles Soares de Pinna, Jorge da Serpa Filho, sr. e sra. Jean Gerard Fleury, José Eduardo de Oliveira Penna, Jorge Beltrão, José Pedrosa, João Henrique Rocha, José Martins Gomide, sr. e sra. João de Mello Franco, sr. João Condé, Julio Catelli Filho, Lilia Campos, Viuva Lopo, sr. e sra. Lasar Segall, ministro Lauro de Andrade Muller, Laura e Theresza Barros Moreira, dr. Lauro de Souza Pereira, Luiz Benitez, Luiz Dias Lins, Leon Fordham, Lucio Rangel, Luiz Camillo de Oliveira Netto, Luiza Mello Franco, Lothar Bauer, Luzia Maria Brito, Luiza Barreto Leite Sanz, Luiz Bueno Filho, Murilo Pessoa, Maria de Nazareth Moniz de Aragão, Maria Helena Machado da Franca, Max Grossman, Martin Barral e sra., srta. Maria Frias, Marguerite Verdié, Maria Alice Nevaes, Maria Pareto, Murilo Marroquim, Mário Sávio, Marc Berkovicz, Maria de Lourdes Zillig, Maria Nadeje de Alencar Pinheiro, sr. M. Worth, sr. e sra. M. Gordon Brown, Mário Dias, Maluh Ouro Preto, Maria Antonieta de Mesquita Barros, Marcos Carneiro Mendonça, Medeiros Lima, Maria Cláudia Mesquita e Bonfim, Maria de Camargo de Almeida, Manuel Peixoto, Maria de Lourdes Pimentel, sra. Marie L. Bourgain, Mário Augusto de Berredo Carneiro, sr. e sra. Maurício Haddock Lobo, Milton Goldring, Marcos de Souza Dantas Romero, Nelson Tabajara de Oliveira, srta. Norah Levy, Nathaniel Dantas, Nelson Romero, Octavio C. Lins, Octavio da Franca, Oscar Argolo, Oriandino Seitas Fernando e sra., Mme. Ouro Preto, dr. Oliveira Lima, sra. Olga Reinheimer, Osorio Nunes, Petaem Salim Habib, dr. Pedro Beltrão dos Santos Dias, Paulo Sampaio, Paulno Barroso Salgado, Paulo Inglês de Sousa, sr. e sra. Pedro Lessa Spyer, Pedro Correia de Araújo, sra. Pouchard, Paschoal Carlos Magno, Pedro Santo Lucena e sra., Paul D. Hardwick, Paulo Flores, Paulo Celso de Almeida Moutinho e sra., Pedro Leitão, embaixador Peter Richard Heydon e sra., Peregrino Junior, Pedro Santos Dias, sr. Portela Soares, Renata E. A. de Lima, sra. Ricardo Fasanelo, Raul Pinto de Carvalho, Renato Bittencourt, Renato de Sá Jr., Raquel Gilda Hazan,

Rossini Q. Perez, Roberto Stuber, Roberto Burle Marx, Ruth Chagas, ministro Roberto de Arruda Botelho e sra., sr. e sra. Ranulpho Bocayuva Cunha, sr. e sra. Raja Gabaglia, Raul Pedrosa, Ruy Guilhon, Ruy Barbosa Netto, Renato de Mendonça, sr. Rocha Filho, sr. Santiago Fernandes, sra. Sylvia Moscoso, Sarah Cabral de Cesar Borba, Salvador Prieto Filho, Simone Goldring, Thiago de Mello, Therezinha de J. E. Pinheiro, Thomaz Ribeiro Colaço, T. C. Pinheiro Guimarães, Vicente Lima, Yolanda M. A. de Lima, sr. Waissmann, sr. e sra. Willy Diniz Lewin, Zilda Galhardo de Araújo.

A PRÓXIMA EXPOSIÇÃO DO MUSEU

Realiza-se, no dia 16 de dezembro corrente, às 18 horas, a abertura da Exposição de Pintura de Crianças, alunas do Professor Ivan Serpa, no curso instituído por este Museu.

Durante a permanência desta exposição, todas as crianças terão ingresso gratuito nas dependências do Museu.

EXPÕE ZÉLIA SALGADO

A convite da Comissão de Arte do Instituto Brasil-Estados Unidos, realizou-se, entre os dias 10 e 24 de novembro último, na galeria do IBEU, uma exposição dos últimos trabalhos da artista brasileira Zélia Salgado.

Essa mostra que foi muito visitada, mereceu da crítica os maiores elogios.

DESENHOS DE PORTINARI

Encontram-se à venda, no Salão de Exposições deste Museu, os seguintes desenhos de Cândido Portinari:

Fuga do Egito
Cangaceiro
Menina
Cabeça de Mulher
Cavalos.

SÓCIOS

O Museu tem as seguintes categorias de sócios: Benemérito, Remido, Efetivo, Contribuinte e Correspondente.

Sócio Benemérito será aquele que fizer doação de valor excepcional ou prestar concurso relevante às atividades do Museu.

Sócio remido será aquele que fizer o pagamento de pelo menos Cr\$... 10.000,00 ou doação deste valor.

Será sócio efetivo o que, além da mensalidade, contribuir com jóia não

inferior a Cr\$ 2.000,00 ou que fizer doação de obra de arte, que não seja de sua própria autoria, aceita pela Comissão Executiva.

Será sócio contribuinte aquele que pagar a anuidade de Cr\$ 250,00 ou contribuir com Cr\$ 25,00 mensais.

Será sócio correspondente o que, residindo fora do Distrito Federal, auxiliar o Museu pagando anuidade ou prestando serviços de acordo com a Comissão Executiva.

O QUE O MUSEU JÁ OFERECE A SEUS SÓCIOS

- | | |
|---|--|
| 1) Convite para todas as inaugurações; | as iniciativas do Museu; |
| 2) Entrada gratis no Museu com a apresentação da carteira de sócio; | 5) Acesso à pequena biblioteca do Museu; |
| 3) Participação nos cursos de pintura, escultura, modelagem e outros que se vão formar; | 6) 15% de abatimento na aquisição de livros, reproduções e cartões de Natal. |
| 4) Convites para conferências e tôdas | 7) Este Bolétim mensal, gratis. |

NOVOS SÓCIOS DO MÊS DE NOVEMBRO

Benemérito:

Horácio Lafer, Spitzman Jordan e Euvaldo Lodi.

Remidos:

Nelson Rockefeller, Cicero Dias, Valentim Bouças, Yolanda Penteado Matarazzo e Francisco Matarazzo Sobrinho.

Efetivos:

Adhemar Leite Ribeiro, Alice Flexa Ribeiro, Attila Soares, Maurício Goulart e Paulo Ferreira Santos.

Contribuintes:

Brigadeiro Eduardo Gomes, Rômulo Barreto Almeida, Maria Goldring, F. Bruce-Price, Ahmés de Paula Machado, Eleanor Brewer, Cheryl Ellsworth Lawther, Maria Conceição da Silva, Aurea da Silva Leal, Eduardo Tourinho, Roberto Burle Marx, Américo de Faria, Jorge Jabour Mauad,

Lilia Maria Homem de Carvalho, Theocléa Tellespires de Souza Brazil, Heloisa de Medeiros, Rubem Braga, Maria Heulanda de Paula Fonseca, João Baptista de Paula Fonseca Junior, Fernando Romani, Alcinda Leal de Mello, Agnes Mary Claudius, Berta C. Leitchic, Anna Elizabeth Armstrong, Vera Pacheco Jordão, Herminia F. Cerquinho, José Armando Affonseca, Alvaro Vital Brasil, Edmundo Monteiro de Castro, João Condé, Leandro Riedel Ratisbna, Amélia Ribeiro Durand, Corina de Lima e Silva Carneiro, Fernando Coutinho, Anibal M. Machado, Anna da Rocha Miranda, Tomás Teran, Tereza Mercadal de Gutierrez de Teran, Rosinha Leão, Heloisa Tigre de Oliveira e Williforts de Mattos.

TRANSFERÊNCIAS

De sócio Efetivo para sócio Remido:

Paulo Teixeira Boavista.

VISITA DO SR. ROCKEFELLER AO MUSEU

Realizou-se, às 16 horas do dia 20 de novembro, no Salão de Exposições do Museu, a cerimônia de entrega do título de Sócio Remido, ao sr. Nelson Rockefeller, doador de obras de valor a este Museu.

Ao fazer a entrega dessa distinção, o sr. F. C. de San Tiago Dantas, Vice-Presidente do Museu, pronunciou as seguintes palavras:

"Sr. Nelson Rockefeller: Tenho a honra de lhe fazer a entrega do título de sócio remido do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Esse título não exprime apenas o reconhecimento do Museu pelo donativo das telas, com que V. S. enriqueceu a nossa coleção. Exprime também o vínculo espiritual, que desejamos manter vivo, com um dos homens a quem mais deve a Arte Moderna, e que tem sido um amigo sincero do progresso cultural do nosso país.

A Arte Moderna deve ser contada como um fator de aproximação entre os homens, no nosso tempo, e num certo sentido, como um novo humanismo, já que ela se exprime numa linguagem comum a todos os povos, se ergue acima dos particularismos, e vai buscar suas fontes em experiências do homem, comuns a todos os meios e, por conseguinte, de caráter universal. Um traço invisível une, pois, os centros da cultura artística moderna, e deles faz uma força de aproximação e de entendimento entre os homens. O seu grande Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e o nosso jovem Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro são entidades fraternas que se transmitem, à distância, a sua mesma mensagem de compreensão e de paz.

Na sua pessoa, sr. Nelson Rockefeller, ainda vemos o amigo não só do Brasil, mas da comunidade dos povos americanos, em cujo seio vivemos e crescemos, integrados no mesmo esforço de progresso material e espiritual. Por mais de uma vez, na sua vida pública e nos seus empreendimentos, temos sentido que o seu interesse pelos nossos problemas não traduz uma simples atitude, nem exprime sequer uma linha impessoal de orientação política, mas reflete uma amizade sincera, que se inscreve no sentido da mais preciosa das palavras: compreensão.

Sob o calor dessa palavra, sr. Nelson Rockefeller, é que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro lhe abre suas portas, para acolhê-lo, juntamente com a sra. Rockefeller, como um dos seus companheiros mais queridos."

Falou, em seguida, o sr. Nelson Rockefeller que, em improviso, agradeceu a homenagem que lhe estava sendo prestada bem como o título que lhe acabavam de conferir. Acrescentou que a arte é o melhor caminho para a aproximação dos povos e que as doações que fizera representavam um pequeno, porém sincero, auxílio ao Museu. Enalteceu a figura da Sra. Niomar Moniz Sodré, cujo dinamismo tornou possível uma ascensão tão rápida do Museu por ela tão brilhantemente dirigido. Fez referências elogiosas à artista brasileira Maria Martins, bem como ao Museu de Arte Moderna de S. Paulo, terminando sua oração com palavras carinhosas ao Brasil.

Estavam presentes ao ato todos os membros da Diretoria e do Conselho Delibérativo do Museu, altas autoridades, grande número de sócios, jornalistas, artistas e pessoas da nossa sociedade.

AS SENHORAS GETÚLIO VARGAS E LUCAS GARCEZ EM VISITA AO MUSEU

Estiveram, no dia 7 de novembro, em visita ao Museu, as Senhoras Darcy Vargas e Carmelita Garcez, esposa do Governador de São Paulo, que se achavam acompanhadas da Sra. Horácio Lafer, Sr. e Sra. Paulo Celso de Almeida Moutinho e sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, Diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Recebidas pela Diretoria do Museu, composta da Sra. Niomar Moniz Sodré, Sra. Carmen Portinho e Sr. Carlos Flexa Ribeiro, as ilustres visitantes percorreram a exposição de Tapeçarias Modernas, louvando o esforço que vem desenvolvendo a Diretoria do Museu para melhorar o gosto artístico do público carioca, através de tantas iniciativas e criteriosas exposições.

Antes de se retirarem, estiveram na Secretaria do Museu, onde apreciaram e adquiriram vários Cartões de Festas, pintados pelos artistas brasileiros.

SERÁ LIBERADA A IMPORTAÇÃO DE TINTAS

Há meses que os pintores brasileiros vêm lutando com sério obstáculo criado pela antiga direção da Cexim — ausência de tintas estrangeiras de finalidades artísticas. O pretexto dessa proibição foi o de que as tintas nacionais são tão boas quanto as estrangeiras o que constitui um absurdo, já perfeitamente constatado.

A esse respeito movimentaram-se as entidades os artistas, os museus e o mundo da cultura. Diversos apelos foram enviados e intensa correspondência foi trocada entre o Ministro Simões Filho, a Comissão Nacional de Belas Artes, a Sociedade Brasileira de Belas Artes, a Associação de Artistas Brasileiros, a Comissão Nacional de Belas Artes, as diferentes associações artísticas dos Estados e a Cexim. Por estas colunas fizemos um apelo ao Ministro Horácio Lafer, assíduo frequentador de museus e exposições, tendo aquela autoridade prometido providências que até agora ignoramos. Recentemente, Rodrigo Mello Franco de Andrade também se tem esforçado para anular aquela resolução do sr. Simões Lopes.

A situação encontra-se no momento nesse pé.

Ontem, porém, o atual diretor da Cexim, senhor Coriolano de Góes foi, como toda a gente que se preocupa com as coisas de espírito, visitar a Exposição de Tapeçarias Modernas Francesas, no Museu da rua da Imprensa. E Niomar Moniz Sodré, diretora do Museu, não perdeu tempo fazendo uma verdadeira carga sobre o homem que decide o que pode e deve entrar no Brasil e o que é preciso deixar lá fora. Esplanagens, argumentos, exibição de telas, bom senso, ênfase, etcétera, e o sr. Coriolano de Góes, que é um homem inteligente, inteirou-se completamente da caótica situação, prometendo formalmente à dinâmica senhora que os seus protegidos ficassem descansados, pois boas tintas estrangeiras não lhes faltaria — ele iria revogar a resolução e daria plena liberdade de entrada às boas tintas, pois a arte não poderia sofrer tão gravemente com uma restrição de tão diminuta importância econômica.

Um gesto inteligente e generoso que, nós bem sabemos, lhe vai custar alguns aborrecimentos — a classe inteira de fabricantes de tintas irá cair em cima, em prantos e lamúrias! Os nacionalistas gritarão "as tintas são nossas!". Mas ele terá duas compensações: a consciência de ter agido como homem de bom senso e a sensação, não muito comum, de ter colaborado para a evolução artística do país e a gratidão dos artistas — coisa muito importante, porque artista não é muito facilmente agradecido.

Esperemos, pois, que dentro em breve, tenhamos novamente boas tintas para bons pintores. E, sem esquecer os que vêm lutando há meses por esta medida tão necessária e tão difícil de conceder, evidenciemos a atuação de Niomar Moniz Sodré, que, desde que resolveu atuar no setor artístico do país, só tem conseguido os maiores benefícios. O estrabismo era evidente e muita gente se manifestou, mas foi a sua ação direta que abreviou as demarches e trará a tão desejada liberação da licença de importação.

Mais uma conquista do Museu de Arte Moderna do Rio, de transcendental importância para a vida artística do país.

(JAYME MAURICIO — "Correio da Manhã" 25-10-952).

CURSOS DE PINTURA E MODELAGEM

E' o seguinte o horário dos diversos cursos de pintura e modelagem do Museu:

Pintura

Professor Ivan Serpa:

Terça-feira — 18,00 às 20,00
Quinta-feira — 18,00 às 20,00
Sexta-feira — 18,00 às 20,00 (aula teórica, dada no Museu para os alunos de todas as classes)

Sábados — 14,00 às 16,00 (para crianças, filhas dos sócios; 16,00 às 18,00.

Professor Milton Goldring:

Terça-feira — 15,00 às 17,00

Modelagem

Professora Margaret Spence:

Terça-feira — 15,00 às 17,00
Quinta-feira — 15,00 às 17,00

Os alunos da professora Margaret Spence estão recebendo aulas de escultura em pedra sabão procedente da Bahia.

As aulas dos diversos cursos do Museu estão sendo realizadas no Edifício do IPASE, por especial gentileza do seu Presidente, enquanto o Museu não tem a sua sede própria.

CARTÕES DE NATAL

Encontram-se à venda, no Salão de Exposições do Museu, diversos Cartões de Natal, pintados pelos artistas Milton Dacosta, Maria Leontina, Margaret Spence, Ivan Serpa, Yllen Kerr, Abraham Palatnik e Darel.

Os cartões são todos originais, estando assinados pelos respectivos artistas.

LIVROS SOBRE ARTE

O Museu acaba de receber os seguintes livros sobre Arte:

Arts of the South Seas por R. Clinton, P. S. Wingert e René d'Harnoncourt; Bonnard por John Rewald; Braque de Henry R. Hope; XX Century Italian Art por Alfredo Barr e J. T. Soby; Calder por J. J. Sweeney; "Nus" — Lucas Granach por Christian Zervos; Contemporary Painters por James Thrall Soby; Charles Demuth de A. C. Ritchie; Fantastic Art and Dada Surrealism por George Huguet; Florine Stettheimer de Henri McBride; Gabo e Pevsner por Ruth Oison e Abraham Chanin; Henry Moore por J. J. Sweeney; The Photographies of Henri Cartier-Bresson, L. Kirstern e B. Newhall; Henri Rousseau de D. C. Rich; Indian Art of the United States por F. H. Douglas e R. d'Harnoncourt; Paul Klee por Barr, Feininger e Sweeney; Paul Klee (Paintings, Drawings and prints); The Prints of Paul Klee por J. T. Soby; Oscar Kokoschka (com cartas do artista); Fernand Leger (Oeuvres de 1905 a 1952) por Christian Zervos; Mies van der Rohe por Philip C. Johnson; Joan Miro por João Cabral de Mello, d'"Os Cadernos de Cultura"; Modern Drawings por Wheeler e Re-

wald; Modern Painters and Sculptors as illustrators por Monroe Wheeler; Mondrian por J. J. Sweeney; Painting and Sculpture Acquisitions (July 1, 1949 to July 1, 1950); Carnet de Dessins de Picasso (reproduits au format de l'Original); Dessins de Picasso por Christian Zervos; Pablo Picasso au Musée d'Antibes; Picasso (Fifty years of his art) por Alfred Barr; Pintura Brasileira — I, Publicação do I.B.E.C.C.; Roteiro de Arte por Santa Rosa d'"Os Cadernos de Cultura"; Rouault's Paintings & Prints por J. T. Soby; Salvador Dali de J. T. Soby; Soutine de Monroe Wheeler; Stuart David de J. J. Sweeney; Modern Sculpture — Teaching Portofolios 1; The History of Protography (from 1839 to the present day); The History of Impressionism por John Rewald; Edward Weston de Nancy Newhall; The Sculpture of Nadelman por Lincoln Kirstern; As artes plásticas no Brasil, sob a orientação de Rodrigo Mello Franco de Andrade; e Bahia em 15 estampas, de Noêmia.

Estes livros poderão ser encontrados no Salão de Exposição, tendo os sócios do Museu o direito a um desconto de 15% sobre o preço marcado.

"AS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL"

As Companhias do Grupo Sul América programaram o lançamento de obra da mais alta importância para a nossa cultura sobre "Artes plásticas no Brasil".

O trabalho em questão, que obedece à direção geral de Rodrigo M. F. de Andrade, foi dividido em três grandes volumes, que incluirão estudos de nossas maiores autoridades no assunto. O primeiro volume da importantíssima obra que acaba de aparecer em primorosa edição de cerca de trezentas páginas, em papel couchê e apresentando numerosas gravuras a cores e em preto e branco, inclui os seguintes capítulos: "Nota Preliminar", de Rodrigo M. F. de Andrade; "Arqueologia", de Frederico Barata; "Arte Indígena", de Gastão Cruls;

"Artes Populares", de Cecília Meireles; "Antecedentes portugueses e exóticos", de Reinaldo dos Santos; "Mobiliário", de J. Wash Rodrigues; "Ourivesaria", de José Gisella Valladares; e "Louça e Porcelana", de Francisco Marques dos Santos.

EXPOSIÇÃO LYGIA CLARK

Realizou-se no Ministério da Educação e Saúde, entre os dias 3 e 25 de novembro, uma exposição da artista brasileira Lygia Clark, que regressou recentemente de Paris, onde foi aluna de Arpad Szoncs, Dobrinsky e Fernand Leger.

A artista Lygia Clark apresentou em sua exposição, desenhos, gouaches e oleos, tendo recebido, dos nossos críticos, as melhores referências.

ISENÇÃO DE OBRIGAÇÕES FISCAIS E ADUANEIRAS PARA IMPORTAÇÃO DE OBRAS DESTINADAS AOS MUSEUS DE ARTES PLÁSTICAS

A Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados discutiu e votou a 29 de Outubro, em regime de urgência, o projeto que concede isenção de obrigações fiscais e aduaneiras aos museus de artes plásticas, de propriedade privada, bem como às pessoas físicas ou jurídicas que importarem obras de arte sem intuítos mercantis, desde que tais obras se destinem a enriquecer o patrimônio cultural do país. Para esse fim, cria o projeto um órgão especial, que se denominará Comissão de Isenção de Obras de Arte, a ser integrado por um funcionário do Ministério da Fazenda, outro do Ministério da Educação e um representante dos museus de Artes plásticas, de propriedade particular, com sede no país. Dispõe, outrossim, o projeto que as obras de arte destinadas a exposições públicas, licenciadas pelo Ministério da Educação, poderão ser vendidas no país com redução de cinquenta por cento dos direitos de importação devidos.

Apreciando a matéria, o relator, depois de fazer o elogio dos objetivos primordiais do projeto, ofereceu alguns reparos ao seu texto, reunindo-os, depois, em substitutivo.

Primeiramente, acentuou que a expressão *sem intuítos mercantis*, constante do primeiro dispositivo do projeto, não poderá, sózinha, impedir que posteriormente, seja transacionado o objeto recebido com isenção de obrigações fiscais e aduaneiras. Propôs, então, que o mencionado dispositivo fosse redigido de modo a que ficassem apenas favorecidas com a isenção de obrigações fiscais e aduaneiras as obras de arte importadas pelos museus pertencentes a entidades públicas físicas ou jurídicas, quando especificamente destinadas a doação aos referidos museus.

No tocante à criação da Comissão de Isenção de Obras de Arte, disse entender que a integração desse órgão na Alfândega do Rio de Janeiro poderia restringir os favores preconizados no projeto à importação feita pelo porto

desta capital, o que seria injusto. Sugeriu, então, que o aludido órgão fosse instituído junto a Diretoria das Rendas Aduaneiras do Ministério da Fazenda, passando, assim, a ter caráter nacional, sua esfera de atribuições.

Declarou, finalmente, considerar necessária a inclusão, no projeto, de um dispositivo segundo o qual somente se possa permitir a revenda, pelos museus, de qualquer obra beneficiada pela isenção em causa mediante prévia autorização do Ministério da Educação, cumpridas as exigências expressas no decreto-lei n. 300, de 24 de fevereiro de 1938.

O substitutivo apresentado pelo relator determina, inicialmente, que a isenção de direitos de importação para consumo e demais taxas aduaneiras, exceto a de previdência social, aproveitará as obras de arte importadas, sem o objeto lucrativo, por museus de entidades públicas ou particulares e reconhecidas pelo Ministério da Educação, uma vez que tais obras venham a enriquecer o patrimônio artístico do país. Tal isenção se torna extensiva às obras também importadas por pessoas físicas ou jurídicas, desde que constituam objeto de doação aos referidos museus.

Depois de considerar integrada na Diretoria das Rendas Aduaneiras a Comissão de Isenção de Obras de Arte, determina o substitutivo que as pessoas e instituições que se quiserem beneficiar com a isenção em causa deverão requerer àquele órgão a vistoria das obras de arte importadas, declarando o objetivo da importação, a identidade da obra e sua procedência, e instruindo o pedido com os documentos necessários.

Dentro de sessenta dias após a chegada da obra ao porto de destino, será feita perante a Comissão de Isenção de Obras de Arte, a prova de sua doação ao museu a ser beneficiado.

O substitutivo em apreço foi aprovado pela Comissão de Finanças.

AUXILIO PARA A FUTURA SEDE DO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

O ante-projeto apresentado, na Câmara, pelo Deputado Jorge Lacerda

O sr. Deputado Jorge Lacerda apresentou, no dia 7 de novembro, na Câmara dos Deputados, o seguinte ante-projeto de lei:

PROJETO N.º

Autoriza o Poder Executivo a abrir, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de Cr\$ 10.000.000,00, como auxílio para início de construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 7 de novembro de 1952.

(a) Jorge Lacerda

JUSTIFICAÇÃO

A Câmara dos Deputados tem testemunhado, com real simpatia, as atividades do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, cuja importância se evidencia, cada vez mais, na vida cultural do país. Sociedade civil, sem fins lucrativos, vem efetuando, com recursos que lhe são proporcionados por um grupo de idealistas, uma ampla tarefa, cujas dimensões poderão ser devidamente avaliadas através da expressiva documentação que oferecemos ao esclarecido exame dos nobres deputados. Os recursos propostos neste projeto destinam-se ao início da construção, a ser levantada numa área de cerca de 10 mil metros quadrados, situada no atêrro fronteiro à Avenida Beira Mar, e cujo custo total está orçado em Cr\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de cruzeiros). Ali se instalará, definitivamente, o Museu, podendo, assim, cumprir, em sua plenitude, um programa de maior envergadura nos domínios da arte. Atualmente, graças ao apoio do eminente Ministro Simões Filho, vem funcionando, mas em caráter provisório, numa das dependências do Ministério da Educação. Se incluímos as despesas com todas as instalações, o empreendimento terá diante de si responsabilidades que montarão em 60 a 70 milhões de cruzeiros. Esses gastos não se limitam apenas à aquisição de obras de arte, nacionais e estrangeiras, biblioteca, fototeca, filmoteca, discoteca, etc., que integrarão o patrimônio do Museu; abrangem, ainda, a manutenção da entidade, compreendendo exposições permanentes e temporárias, contrato de professores nacionais e estrangeiros, auditório para conferências, projeções e concertos, salas destinadas aos cursos de pintura, desenho, gravura, modelagem e escultura, laboratório químico e fotográfico, "atelier" para conservação e reparação de trabalhos

artísticos, depósito de quadros, esculturas, etc., oficinas de carpintaria, eletricidade e pintura, oficina de encadernação de livros, etc. Para termos uma idéia exata dos ônus que já vem impondo aos seus organizadores, basta assinalar que, durante os seus dez meses de existência, dispendeu essa entidade, entre manutenção, aquisições para o seu valioso patrimônio e realização de cinco exposições, cerca de 6 milhões de cruzeiros, como tivemos ocasião de constatar através dos seus balancetes.

Trata-se, pois, de empresa de singular relevo, cujo caráter eminentemente social a vincula aos interesses da cultura de nosso povo. Não se compreenderia que a uma obra desse valor, que tem contado, apenas, com o apoio da iniciativa particular, faltasse o amparo dos poderes públicos. Com esses dez milhões de cruzeiros, — parcela aliás, de despesas muito maiores previstas para a construção e manutenção do Museu — contribuirá o governo para enriquecer a nossa capital de nova e admirável realização, no âmbito cultural, dotando, igualmente, a cidade, numa área a ser em breve urbanizada, com edifício de assinalado valor artístico.

Em sua mensagem, deste ano, dirigida ao Congresso Nacional, o Sr. Presidente da República salientou a importância do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, acentuando que a sua inauguração "constituiu acontecimento de grande relevância, pelo interesse extraordinário que o público de todas as camadas sociais manifestou em face das obras de arte moderna ali em exposição".

Teve ocasião, igualmente, o Sr. Ministro da Educação de realçar o papel que vem desempenhando essa instituição, declarando que "o corajoso empreendimento obriga a cooperação do poder público". Estamos, agora, indo ao encontro desse pensamento, procurando concretizá-lo nesta proposição.

A exemplo de São Paulo, que já nos oferece magníficas organizações como o Museu de Arte Moderna, vai o Rio de Janeiro levando a termo uma obra cultural da mais alta significação, merecedora do esforço e da cooperação de nomes representativos dos nossos círculos sociais e artísticos, cabendo salientar o da Sra. Niomar Moniz Sodré, figura central desse importante movimento.

A Europa apresenta-nos uma lição digna de ser imitada, quando multiplica os seus museus, entre os quais, mais recentemente, os de arte moderna. Povos mais velhos, de tradição mais profunda que a nossa, senhores de uma arte mais antiga, em que se cultuam valores incorporados ao patrimônio universal, sabem, porém, estimular a criação de novos museus, em que se relete o espírito contemporâneo, destinando-lhes ponderáveis recursos. Não nos detemos na análise do trabalho que, nesse terreno, se desenvolve nos Estados Unidos, pois ninguém ignora a importância dos extraordinários museus de Arte Moderna de Nova Iorque e Chicago. A arte contemporânea vai encontrando, assim, nesses organismos vivos de cultura, o instrumento adequado de uma educação ativa do povo. Através desses museus, dinâmicos, atualizados, procurando-se, hoje, restabelecer um contato mais íntimo do público com o artista.

Corre-nos o dever de amparar iniciativas dessa natureza, como foi feito, nesta Casa, muito justamente, com o Museu de Arte de São Paulo, levando-lhes os recursos de que fizerem mister para atingir plenamente seus objetivos. Nem outro é o sentido do texto constitucional, quando proclama que o "amparo à cultura é dever do Estado". E, para darmos expressão a esse dispositivo, não poderíamos encontrar melhor oportunidade do que esta.

A circunstância de termos fundado, aqui no Rio, uma publicação artística e literária, "Letras e Artes", que dirigimos por quase cinco anos, levou-nos a conhecer mais de perto os problemas que afligem os nossos artistas plásticos. Pudemos sentir-lhes as reais angústias, que, na verdade, decorriam menos das precárias condições de vida em que, não raro, se encontram, do que dessa desalentadora indiferença que habitualmente envolve, entre nós, as atividades artísticas. Num ambiente assim esquivo, esmorecem os valores, estiolando-se, ainda, as vocações, nas nascentes do entusiasmo criador.

Quando nos congratulamos, há dias, nesta Câmara, com as atividades do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, observamos que "em face dos altos deveres que nos incumbem, em relação aos problemas do espírito, não podemos silenciar sobre as legítimas reivindicações dos artistas plásticos do país. Já que não os temos aqui presentes, impõe-se-nos traduzir-lhes as inquietações de modo a não favorecermos o divórcio da ação política com a inteligência. Os nossos compromissos com a Nação não se insulam apenas nos aspectos eventuais dos seus interesses imediatos. Transcendem, é natural, essa órbita limitada, pois que se fundem com as finalidades superiores da cultura. As nações sobrevivem, não pelos seus efêmeros empreendimentos materiais, mas, sobretudo, pela marca inapagável que sua cultura deixa na face do tempo". Esta é, aliás, a importância que recolhemos da história. E oportuno se torna recordar a observação de Werner Jaeger quando, em sua obra "Piideia" (2.º vol., pág. 3), síntese admirável dos ideais da cultura grega, conclui que "todo o arcabouço do poder terreno, por mais sólido que seja, é sempre precário, e só as flores frágeis do espírito são perduráveis e impercíveis."

ORGANIZAÇÃO DO MUSEU

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de acordo com seus estatutos, anexos a este projeto, define-se como sociedade civil, sem fins lucrativos, objetivando:

- formar coleções e manter exposições de artes plásticas, em caráter permanente e temporário;
- organizar cursos e conferências para o desenvolvimento da cultura artística;
- organizar e manter filmoteca, arquivo de arte fotográfica e de reproduções, discoteca e biblioteca especializada;
- promover exibições de filmes de interesse artístico e cultural, concertos, estudos e realizações de artes plásticas, inclusive populares;
- manter intercâmbio com organizações con-

gêneros no país e no estrangeiro;
f) disseminar o conhecimento da arte moderna no Brasil.

DIRETORIA

Os órgãos de direção do Museu estão assim constituídos:

DIRETORIA. — Presidente: Raimundo Ottoni de Castro Maya; Vice-Presidente: Francisco Clementino de San Thiago Dantas; Diretor Executivo: Niomar Moniz Sodré; Diretor Executivo Adjunto: Carmen Portinho; Diretor Tesoureiro: Carlos Amélio de Figueiredo; Diretor-Secretário: Carlos Flexa Ribeiro; Conservador: Maria Barreto.

CONSELHO DELIBERATIVO: Aguinaldo Boulitreau Fragoso, Aloysio de Paula, Aloysio de Salles, Antônio Moniz Vianna, Assis Chateaubriand, Augusto Frederico Schmidt, Beata Vettori, Carlos Flexa Ribeiro, Carmen Portinho, Cypriano Amoroso Costa, F. C. de San Thiago Dantas, Francisco Matarazzo Sobrinho, Gustavo Capanema, João Carlos Vital, João Guimarães Rosa, João Soares Sampaio, Jorge Leão Ludolf, Jorge Maia, Juscelino Kubitschek de Oliveira, Lauro Salazar Regueira, Leonídio Ribeiro, Lúcio Costa, Maria Barreto, Maria Martins, Maurício Nabuco, Niomar Moniz Sodré, Paulo Bittencourt, Paulo Carneiro, Raimundo Ottoni de Castro Maya, Roberto Marinho, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Vinicius de Moraes, Walter Moreira Sailes.

ATIVIDADES DO MUSEU

Desde a sua inauguração, ocorrida a 15 de janeiro de 1952, até esta data, contou o Museu com cerca de 47.000 visitantes, sem incluir o numeroso público convidado para os atos inaugurais das diversas exposições. Isso revela a profunda repercussão que as iniciativas dessa entidade vêm alcançando entre nós.

EXPOSIÇÕES

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro já realizou cinco grandes exposições, que suscitaram o mais alto interesse. A respeito do movimento por elas despertado dão-nos eloquente testemunho as fotografias que acompanham esta justificação.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO:

A 1.ª Exposição reuniu os trabalhos que constituem o patrimônio do Museu, como também esculturas e quadros premiados na 1.ª Bienal de São Paulo, que alcançou êxito internacional. Estavam representados nessa primeira mostra do Museu os seguintes artistas nacionais e estrangeiros:

a) PATRIMÔNIO DO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO (pinturas, desenhos, gravuras):
Permeke (Bélgica), Metzinger (França), Yves Tanguy (França), Toyen (Tchecoslováquia), Miró (Espanha), Valtat (França), Campigli (Itália), Guignebert (França), Di Cavalcanti (Brasil), Van Lint (Bélgica), Duval (França).

ca), Mathieu (França), Dubuffet (França), Patricx (França), Rivera (México), Leger (França), Kandinsky, Borez (França), Lhote (França), Guignard (Brasil), Segall (Brasil), Mc Donell (Estados Unidos), Cardoso Ayres (Brasil), Magnelli (Itália), Marchant (França), Portinari (Brasil).

Esculturas: Couturier (França), Giacometti (França), Maria (Brasil).

b) 1.ª BIENAL DE SÃO PAULO (trabalhos ali premiados):

Quadros (pinturas, desenhos e gravuras): Di Prete (Brasil), Chastel (França), Maria Leontina (Brasil), Tarsila (Brasil), Heitor dos Prazeres (Brasil), Baumeister (Alemanha), Magnelli (Itália), Pignon (França), Rezende (Portugal), Botelho (Portugal), Afro (Itália), Birolli (Itália), Serpa (Brasil), Saito (Japão), Komai (Japão), Barros (Brasil), Grassman (Brasil), Vespignali (Itália), Goeldi (Brasil), Viviani (Itália), Clough (Grã-Bretanha), Adams (Grã-Bretanha), Ciarrocchi (Itália), Aldemir Martins (Brasil), Uhlman (Alemanha).

Esculturas:

Max Bill (Suíça), Brecheret (Brasil), Roszack (Polónia), Giorgi (Brasil), Minguzzi (Itália), Richer (França), Cravo (Brasil).

SEGUNDA EXPOSIÇÃO — ARTISTAS BRASILEIROS:

Antônio Bandeira, Martin Barral, Aldo Bonadei, Tiziana Bonazzola, Victor Brecheret, Bruno Giorgi, Roberto Burle Marx, Pedro Correia de Araujo, Mário Cravo Júnior, Milton da Costa, Di Preti, Djanira, Emygdio de Barros, Flávio de Carvalho, Clovis Graciano, Guignard, Heitor dos Prazeres, Iberê Camargo, J. Andrés Hermany, Lula Cardoso Ayres, Emeric Marcier, Margaret Spence, Maria Martins, Maria Leontina, Milton Goldring, Oswaldo de Andrade Filho, Pancetti, José Pedrosa, Polly Mc Donnell, Portinari, Tomás Santa Rosa Júnior, Lasar Segall, Ivan Serpa, Shiro Tanaka, Tarsila do Amaral, Ernani Mendes Vasconcelos, Alfredo Volpi, Yolanda Mohalyi, Zélia Salgado, Ceschiati, Déa Campos Lemos, Inimá, J. Bragança, Onesimo dos Santos, Walter Tanaka Shigetó, Suziki Takeshi, Waldemar da Costa, Aldemir Martins, Darel, Oswaldo Goeldi, Lívio Abramo, Faiga Ostrower, Lazzanotto Poty, Vera Assunção, Yllen Kerr, Ismael Nery e Luci Citti Ferreira.

Representa essa mostra um acontecimento marcante, pois veio proporcionar ao Brasil, através de exposição tão ampla da atualidade artística nacional, uma visão sugestiva e admirável da capacidade criadora de nossa gente no domínio das artes plásticas.

TERCEIRA EXPOSIÇÃO: GOYA E A GRAVURA ESPANHOLA

Instalada em 5 de julho do corrente ano, a 3.ª Exposição foi dedicada a Goya e à Gravura Espanhola dos séculos XVIII, XIX e XX, tendo sido organizada em combinação com o Serviço Cultural da Embaixada da Espanha. Constituiu magnífica oportunidade para que o nosso público tivesse um contato direto com numerosos trabalhos do grande Goya, além de uma visão objetiva da evolução da gravura espanhola nos últimos séculos.

QUARTA EXPOSIÇÃO: ARQUITETURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Organizada em cooperação com o Ministério da Educação e o Instituto de Arquitetos do Brasil, inaugurou-se no dia 5 de agosto a Exposição de Arquitetura Brasileira Contemporânea, que nos ofereceu um magnífico levantamento

das últimas obras dos nossos arquitetos. Já tive ocasião de, nesta Casa, por várias vezes, salientar a projeção extraordinária que vem alcançando a contribuição brasileira, na renovação da arquitetura dos nossos dias. Dela participaram os arquitetos:

Abelardo de Souza, Affonso Eduardo Reidy, Alcides Rocha Miranda, Aldary Toledo, Alvaro Vital Brasil, Arthur Arcuri, Atilio Corréa Lima, Carlos Frederico Ferreira, Carlos Leão, Edgar Graeff, Ernani Mendes de Vasconcellos, Fernando Saturnino de Brito, Firmino Fernandes Saldanha, Francisco Bolonha, Gregory Warchavchik, Henrique Mindlin, Icaro de Castro Mello, Jorge Ferreira, Jorge Machado Moreira, Lúcio Costa, M. M. M. Roberto, Olavo Redig de Campos, Oscar Niemeyer, Oswaldo Arthur Bratke, Paulo Antunes Ribeiro, Rino Levi, Roberto Cerqueira Cezar e Sérgio Bernardes; os pintores Anísio Medeiros, Cândido Portinari, Paulo Werneck e Roberto Burle Max; os escultores Bruno Giorgi, Celso Antônio e Jacques Lipchitz; os paisagistas Francisco Bolonha e Roberto Burle Max; os fotógrafos Andral, Carlos, Curt, Gautherot, Hess, Hasner, Landau, Liberman, Michel, Scheier, Swilg, Verger, Voltaire e Ampliação Barcro.

No dia 24 de setembro foi instalada, numa das salas da Secretaria do Museu, uma exposição de trabalhos de arquitetura apresentados pelos estudantes brasileiros José Reznic, Osmar Castro, Yanar C. Santos e Nicolau K. Machado. Essa mostra, levaram-na aos Estados Unidos e vários países europeus.

QUINTA EXPOSIÇÃO: TAPEÇARIAS MODERNAS FRANCESAS

No dia 9 de outubro, foi inaugurada a Exposição de Tapeçarias Modernas Francesas, com 19 peças, cedidas especialmente por Marie Cuttoli, La Maison Jansen e Compagnie des Arts Modernes, realizadas nos ateliers de Aubusson e de Marie Cuttoli.

Figuraram, nessa admirável mostra, as seguintes tapeçarias:

De Marie Cuttoli: "Le Minotaure", de Picasso; "Hirondelle d'amour", "Composition" e "Compositoin Femmes", de Miró; "Clown Blessé" e "Danseuse", de Rouaul; "Les Saisons et les Arts" (2 tapeçarias) e "Bord de L'Homme" e "La Chouette et la Villa", de Jean Lurçat; "Oreste et Elèctre" e "Quatuor", de Marc Saint-Saens. Da Compagnie des Arts Modernes: "L'Après-midi vert", e "La Jeune Endormie", de Lucien Coutaud, "St. Tropez", de Dany, e "Composition", de Le Corbusier.

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES

Já se anuncia a exposição do pintor Cícero Dias, que, de retorno de Paris, onde se encontra há tantos anos, vai apresentar no Museu, suas últimas realizações.

Para os fins do mês de dezembro e começo de janeiro, o Museu exporá trabalhos das crianças que freqüentam os seus cursos.

CURSOS

O Museu mantém, atualmente, diversos cursos, pretendendo ampliá-los dentro em breve. Estão em funcionamento:

a) PINTURA: Prof. Ivan Serpa e Prof. Milton Goldring;

b) MODELAGEM: Professora Margaret Spence. Sua mais recente iniciativa foi a fundação do Instituto de Cerâmica Artística, que objetivará imprimir um cunho artístico a essa indústria, já tão disseminada pelo Brasil afora. Adquiriu personalidade jurídica, para que possa consultar

as diferentes exigências da cerâmica, inclusive no seu aspecto técnico-fábril.

PUBLICAÇÕES

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro vem mantendo, regularmente, a publicação de um bem cuidado boletim mensal, em que estão registrados, não só as atividades da instituição como também acontecimentos artísticos que ocorrem no país e no exterior. Tem divulgado, além disso, excelentes catálogos, amplamente ilustrados, que representam um balanço expressivo do movimento do Museu.

PROGRAMA PARA O EDIFÍCIO DO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro não poderá por mais tempo permanecer no local onde se acha provisoriamente instalado, em virtude das precárias condições que lhe não permitem a realização do amplo programa de trabalho que se traçou. Diante disto, surgiu a idéia de se construir um grande edifício, adequado às altas finalidades da instituição. Para esse fim, dispõe-se o Museu erguer sua sede definitiva no aterro fronteiriço ao Aeroporto Santos Dumont, numa área de cerca de 10.000 metros quadrados. Como já acentuamos, o orçamento dessa obra ascende a Cr\$ 50.000.000,00, sem incluir as instalações.

O edifício atenderá ao seguinte programa, que traduz, por si mesmo, a amplitude do empreendimento:

- 1 — Entrada, vestiário, bilheteria, secretaria.
- 2 — Local para venda de impressos e reproduções.
- 3 — Local para exposições permanentes (patrimônio do Museu).
- 4 — Local para exposição temporária.
- 5 — Documentação, biblioteca, mapoteca, fototeca, filmoteca e discoteca.
- 6 — Auditório para conferências, projeções e concertos.
- 7 — Salas para cursos de pintura, desenho, gravura, modelagem e escultura (adultos e crianças).
- 8 — Laboratórios químico e fotográfico.
- 9 — Atelier para conservação e reparações das obras de arte.
- 10 — Depósito de quadros e obras de arte.
- 11 — Almoxarifado e depósitos.
- 12 — Oficinas de carpintaria, eletricidade e pintura.
- 13 — Oficina de encadernação de livros.
- 14 — Embalagem: recepção e expedição.
- 15 — Administração: Diretoria e Conselho Deliberativo.
- 16 — Restaurante.
- 17 — Escadas, elevadores, rampas, instalações sanitárias, ar condicionado, etc.
- 18 — Pavilhão para cerâmica.

Este é o grande plano, que pela sua alta significação cultural, há de merecer, por certo, o apoio dos nobres deputados.

Sala das Sessões, em 7 de novembro de 1952.

(a) JORGE LACERDA

APROVADO, POR UNANIMIDADE, NA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO O PROJETO DE AUXÍLIO PARA A FUTURA SEDE DO MUSEU

Na sessão de 13 de novembro da Comissão de Educação e Cultura da Câmara, foi discutido o projeto que autoriza o Poder Executivo a abrir, pelo Ministério da Educação, o crédito especial de 10 milhões de cruzeiros, como auxílio para início de construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Conforme noticiamos, trata-se de uma iniciativa do sr. Jorge Lacerda, deputado pelo Estado de Santa Catarina e escritor, com o objetivo de prestigiar o movimento cultural pelo progresso da arte no Brasil.

O relator foi o deputado Firman Neto, da bancada do Paraná, que emitiu breve parecer. Disse que as atividades do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro eram já do conhecimento geral dos membros da Comissão e de todos os brasileiros amantes da cultura, através das repercussões na imprensa e nos círculos artísticos do país. Assim, limitou-se a lembrar que o próprio presidente da República e o ministro da Educação, o primeiro na sua mensagem deste ano ao Congresso e o segundo já em duas oportunidades, salientaram a importância do

Museu para o incentivo da cultura e da arte nacionais, dedicando-lhe palavras de louvor.

Quanto ao aspecto financeiro da iniciativa, declarou que o auxílio de 10 milhões de cruzeiros para o começo da construção era apenas uma pequena parcela dos grandes gastos a cargo dos mantenedores do Museu, orçados em cerca de 60 milhões de cruzeiros. Tratava-se do primeiro impulso no sentido de uma gigantesca obra de difusão cultural, cujos benefícios reverteriam em favor de toda a Nação e permitiriam ao país uma posição de relêvo, à altura do desenvolvimento dos povos mais adiantados.

Depois de exibir a farta documentação fotográfica que acompanha o projeto, elogiou a iniciativa do deputado Jorge Lacerda, ao qual afirmou que muito ficariam devendo os meios culturais do país.

Após breves fatos, o projeto foi aprovado por unanimidade. Seguirá, em seguida, para a Comissão de Finanças, em caminho para a decisão final do plenário.

A IMPRENSA E O MUSEU

TAPEÇARIA MODERNA

A senhora Niomar Moniz Sodré, que acaba de voltar do estrangeiro, trouxe uma coleção de tapeçaria moderna. As unidades foram expostas no Salão do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e constituem algo de sensacional. Além da concepção artística, diferente, século XX, moderna, expressiva e formidável, há o efeito psicológico. Sai-se do Salão do nosso Museu de Arte Moderna com o espírito afagado por uma doce satisfação. É uma sensação de integração com a época. Os nossos olhos já estavam cansados de ver e admirar a tapeçaria oriental. Esta tapeçaria já representava uma espécie de tração animal de carros de bois correndo parelha com aviões a jato. Em todos os ramos o ferrete da evolução se fez sentir, no da tapeçaria, porém, continuava-se marcando passo. Porisso, depois de se ver a exposição do nosso Museu, há uma como que prestação de contas. Sai-se quites. Até que enfim vamos conceder um *habeas-corporis* ao orientalismo e refrescar a nossa sensibilidade e embelezar as nossas residências com a claridade, o bom humor, a alegria e a beleza da arte moderna, imensamente decorativa e artística. Como todas as inaugurações do nosso Museu de Arte Moderna, o da tapeçaria conseguiu reunir a fina flor da nossa sociedade, do nosso mundo artístico e intelectual. Nos dias sucessivos, verdadeira massa humana tem visitado essas dependências. Um êxito total, que nada mais é que uma resposta amável e solidária à atividade ingente da senhora Niomar Moniz Sodré, a grande dama, cujo patrocínio vem fazendo, não só renascer, como também despertar o gosto, o culto e a prática do modernismo no Rio de Janeiro. Os nossos parabens.

(Rio Magazine — setembro de 1952)

Com a exposição que já realizou a última das quais dedicada à Tapeçaria Francesa e anteontem inaugurada, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro dá uma prova de sua capacidade

de organização. Conquistou o direito de ser olhado com simpatia e respeito pelos artistas, pelo público e pelo Estado, pois seus objetivos são de ordem puramente cultural.

No que diz respeito às artes plásticas, o Rio de Janeiro, cidade de quase três milhões de habitantes, pesa muito pouco na balança do movimento mundial. Se no império, Pedro II interessou-se pessoalmente pelo desenvolvimento artístico nacional, na República houve, nesse domínio, um colapso evidente.

Já agora essa situação vai mudando, graças à importância que as diversas artes passaram a ter para o Estado, na primeira metade deste século. Hoje, os artistas plásticos são postos ao lado dos grandes escritores, uns e outros representando o que a civilização produz de mais alto e perdurável. Foi por isso justo e oportuno o discurso que, sobre as atividades do nosso Museu de Arte Moderna, pronunciou na Câmara Federal o deputado Jorge Lacerda. Depois de acentuar que o Poder Legislativo devia solidarizar-se mais "intimamente com movimentos dessa natureza, levando-lhes o seu apoio", o representante de Santa Catarina afirmou que a Câmara não podia silenciar "sobre as legítimas reivindicações dos artistas plásticos do Brasil"... "de modo a não se favorecer o divórcio da ação política com a inteligência".

Não há dúvida que esse "divórcio" a que aludiu o deputado Jorge Lacerda tem sido, no regime republicano, uma das causas da fraqueza artística do Brasil e da situação de penúria ou de insignificância dos museus do Rio.

Felizmente, essa situação não continuará por muito tempo. No seio do Governo, das duas casas do Legislativo Federal e da Prefeitura, já existem hoje boa vontade e espírito de compreensão no tocante à necessidade do imediato desenvolvimento das artes plásticas no país.

Dando ajuda ao Museu de Arte Moderna, a fim de que este possa instalar-se numa sede própria para imprimir novo impulso ao dinamismo de seus dirigentes atuais, o Poder Legislativo esta-

rá apenas cumprindo o seu dever constitucional, "em relação aos problemas do espírito", conforme salientou com acerto indiscutível o deputado Jorge Lacerda.

(Antonio Bento — Diário Carioca — 12-10-952)

—*—

Acabo de passar a hora mais agradável desta semana, contemplando as tapeçarias francesas expostas no Museu de Arte Moderna. Atravessar a porta do pequeno recinto abrigado à sombra do Ministério de Educação é transpor uma soleira mágica: do tumulto desta nossa cidade desordenada o visitante é subitamente transportado a um mundo pictórico, onde cores e formas criam aquêle ambiente sonhado por Baudelaire:

"La tout n'est qu'ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté".

No primeiro momento, sacudidos ainda pela agitação quotidiana, estranhemos a mudança como se tivéssemos subitamente mergulhado num mundo submarino ao qual não estamos afeitos. Mais alguns instantes, e vamos, sem perceber, nos despojando das preocupações de que vivemos impregnados, embalados pelo ritmo das linhas, pela melodia das cores que cantam pelas paredes.

Creio que o vocabulário da música é o mais próprio a exprimir o efeito dessas tapeçarias, com seu tema, seu contraponto, suas variações, as transposições em côr equivalendo aos tons maiores e menores, cada composição construída sobre seu ritmo próprio e realizando uma obra decorativa do mais puro lirismo.

Algumas tapeçarias, sobretudo as de Lurçat e Coutaud, movem-se na atmosfera dos contos de fadas. Outras, como as de Miró e Picasso, são puros jogos de sensibilidade plástica, e entre essas encontrei uma, de Lurçat, — "Au bord de la mer" — que me parece especialmente interessante por revelar um novo estilo do artista: já não é aquela composição densa e um tanto sobrecarregada que conhecemos, mas um jôgo mais livre, de formas mais soltas, deixando às cores sua plena repercussão à maneira dos estampados japoneses feitos com blocos de madeira.

As de Rouault, admiráveis como técnica de artesanato, chegam a ser malabarismo. Custa acreditar que aquelas pinceladas vivas, como que ainda úmidas, fôsem conseguidas pelo entrecruzar de milhares de fios, resultando em efeitos tão sábiamente previstos que imitam na perfeição o toque casual do pintor; mas, por isso mesmo, porque imitam a pintura — embora magistralmente — não encontro nelas a mesma integridade e autonomia das que se mantêm plenamente no seu terreno próprio. Entre essas, achei deliciosa a de Le Corbusier, que só conhecíamos como arquiteto e apresenta agora uma tapeçaria que desfaz qualquer preconceito quanto à adequação da tapeçaria à estética moderna; leve, harmoniosa, com seu toque de fantasia e humorismo, a tapeçaria de Le Corbusier é o complemento de sua arquitetura.

Esta exposição é um desmentido categórico àqueles que repetem o chavão sobre "a decadência da França". É a prova da vitalidade de um país que conta com artistas e artesãos capazes de ressuscitar uma arte abandonada há quase dois séculos, e que era considerada extinta porque incompatível com o gosto moderno. Lurçat foi o pioneiro dessa ressurreição, e se hoje a pequena aldeia de Aubusson recuperou a vida, cantando ao bater de seus teares, é que Lurçat conseguiu enxertar no velho galho da tradição que definhava o espírito novo que sopra pelo mundo.

O Museu de Arte Moderna do Rio, que proporciona aos cariocas essa exposição está de parabens. E a maneira concreta de exprimir nossa satisfação é prestar-lhe nosso apoio entrando para seu quadro de sócios. Bem sei que a vida sobe dia a dia, que cada um de nós vive preocupado em restringir seus gastos ao essencial. Mas vinte e cinco cruzeiros por mês, contribuídos para o Museu, equivalem apenas a duas idas ao cinema, e representam nossa participação numa obra que nos traz um benefício inestimável. Para que viva, e frutifique sua irradiação, o museu deve se apoiar sobre o povo. Não o povo na concepção demagógica de massa acionada pela propaganda, mas a coletividade bastante inteligente para apreciar o alcance dessa obra e dela se orgulhar.

(Vera Pacheco Jordão — Correio da Manhã, 25-10-952)

A ESCOLINHA INFANTIL DO MUSEU DE ARTE MODERNA

O Teatrinho ASA apresenta os seus travessos fantoches

Um dos aspectos mais simpáticos e fortes das atividades do Museu de Arte Moderna do Rio, será, sem dúvida, o que diz respeito à orientação pedagógica e afetiva das crianças, filhas dos associados. Numa cidade como o Rio que cresceu desordenadamente, no mais lamentável esquecimento dos seus pequeninos habitantes — uma cidade sem parques, sem quase nada, não fôsse a medida recente da Prefeitura instalando cem parques infantis — o problema do crescimento e desenvolvimento moral e físico da criança está a exigir atenção mais intensa. Vivem os nossos pequeninos ao léu dos mais perniciosos exemplos, entregues a essa detestável literatura infantil, pelos cinemas, no mais perigoso contacto adulto.

Essa lamentável evidência foi bem avaliada pelo Museu — tratou-se logo de proporcionar um clima adequado para os filhos de seus sócios que são muitos. Para isso, foi chamada talvez a pessoa mais indicada — o professor *Ivan Serpa*, pintor de grande mérito, especializado no trato e ensino das crianças através da pintura. A atenção, o cuidado e a emoção com que *Serpa* cuida dos seus minúsculos artistas é algo de enternecer. Não poderiam estar em melhores mãos. E os resultados do seu curso infantil são surpreendentes. Recentemente, na II Exposição Nacional de Arte Infantil, organizada pela Escolinha de Arte do Brasil, compareceram inúmeras crianças, filhas dos associados do Museu de Arte Moderna, destacando-se as seguintes:

Maria Alice de Paiva (9 anos); Octávio A. Faria (6 anos); José P. Teixeira Magalhães (9 anos); Elias Nigri (14 anos); Alberto Balassiano (14 anos); Maryse Lafayette Tapajós Gomes (10 anos); Ana Nery de Oliveira Lima (10 anos); Leyla Fernandez e Mello (7 anos); Analuce Estrêla (6 anos); Diogo Pereira (7 anos); Alba Lúcia Lopes (5 anos); Luiz Carlos Estrêla (7 anos); Cléia Maria Braga de Carvalho (8 anos); Maria Lúcia Braga de Carvalho (9 anos); Ailton Furtado (14 anos); Maria Suely Lappenda de Souza (11 anos); Ruth Maria Monteiro (6 anos); José Cláudio Monteiro (8 anos); Frederico Kautz (8 anos); Maria Alice Corrêa (14 anos), e Carlos Fernando de Costa Val (14 anos).

Sábado último, às 14 horas, no edifício do Ipase, o teatro de fantoches da Associação Social Arquidiocesana proporcionou aos alunos de *Serpa* momentos de enlêvo, satisfação e vivacidade, representando duas peças — não sei se poderei usar esse nome pomposo, talvez seja entreshô — com os seguintes nomes: “A Galinha Ruiva” e o “Ratinho Desobediente”, com fantoches feitos pelas recreadoras Maria Odilar Freire, Zeneida Leitão Gomes, Nadir Leite e Ilse Araújo Ferreira. Manejaram os fantoches as duas primeiras com auxílio da nossa confrade Lucy Teixeira.

E era um gosto ver como as crianças se integravam no espetáculo — seu riso, suas exclamações, a emoção e até a participação na trama, com advertências, protestos, etcétera. O Teatrinho de Fantoches, A.S.A. quase não é conhecido devido ao silêncio das suas eficientes criadoras, mas vamos contar isso tudo ao Paschoal, que é doente por crianças e por teatro e na certa êle se encarregará de prestigiar tão nobre organização. Idealizado por Ruth Gouveia — uma velha conhecida dos tempos em que fazia reportagens sobre parques infantis — possui um palco móvel com o qual percorre os hospitais para apresentarem espetáculos às crianças doentes e mantidas nos leitos.

Só o fato de que exista alguém que se lembre de ocupar seus dias de folga para ir dar um instante de felicidade a pequeninos corpos corroídos pela doença, sofrendo dores agudas cruelmente injustas, com uma única vista para outras crianças doentes, no fundo dum leito, sem sol, sem nada, é uma imagem tão comovente e terna que, insistir sobre ela, é de todo impossível. É tarefa de poetas, ai de nós, pobres noticiaristas.

Foi uma bela tarde para os pequeninos pintores. E foi mais um nobre serviço para essas moças que criaram e fazem viver o mais belo e comovente teatrinho que temos visto.

(Jayme Maurício — Correio da Manhã, 28-10-952)

Não fosse o Museu de Arte Moderna e o ano de 1952 teria transcorrido, aqui no Rio, praticamente sem exposições de interesse verdadeiro. Isso mostra que o Museu já começou a desempenhar uma tarefa de importância cultural extraordinária, diante da pobreza e da insignificância do movimento artístico no Rio.

As exposições tornam-se raras, ao mesmo tempo em que se retraem os colecionadores cariocas, cujo número é igualmente diminuto.

Acolhido no pavimento térreo do Ministério da Educação, graças à boa vontade do ministro Simões Filho, o Museu, somente pelas suas atividades, no ano corrente, mostrou-se merecedor do apoio que lhe deu o governo. Resta agora que o Poder Legislativo concorra para que a instituição dirigida tão brilhantemente pela sra. Niomar Moniz Sodré, tenha recursos para construir sua sede própria. Se isso acontecer, muita coisa poderá ser feita no Rio, cujo movimento artístico — diga-se ainda uma vez — é diminuto, comparado com o das cidades de mais de dois milhões de habitantes.

Intensificando-se as atividades do Museu, muita coisa mudará aqui, no terreno das artes plásticas.

(Antonio Bento — Diário Carioca, 2-11-952)

O ESTADO E A CULTURA

O subdesenvolvimento cultural do Brasil, mais agudo e mais grave que o seu atraso econômico, ainda não foi devidamente estudado e compreendido. Um dos efeitos da incultura é a dificuldade em que se encontram os povos que dela padecem para adquirir consciência de sua própria incultura. Daí a formação de um círculo vicioso, que faz da incultura efeito e causa de si mesma.

É esse círculo vicioso que tem anulado todos os esforços de desenvolvimento cultural no Brasil. O Estado, com maior ou menor largueza, sempre deu recursos para as instituições oficiais de cultura. Mas essas instituições, herdeiras da incultura do passado, conservam no presente e transmitem para o futuro o mesmo espírito de acanhamento intelectual. E o drama se perpétua. Universidades, escolas de belas artes etc., recebem dotações crescentes para elevarem seu nível cultural. Mas, afastadas do verdadeiro sentido da cultura, marcadas pela pobreza intelectual e pela ignorância, transferem, para a gestão desses recursos, todos os vícios e limitações de que estão impregnados, e o Brasil se ressent, cada vez mais, do subdesenvolvimento cultural.

Longe de nós pretender reduzir, por esse motivo, as dotações atribuídas aos

órgãos oficiais da cultura. De quando em vez surgem personalidades criadoras que revolucionam o ambiente, e o que antes era uma Faculdade estagnada ou um centro de arte fossilizada adquire vida nova e se lança em arrojadas experiências. O que importaria levar em conta, no entanto, é a necessidade de prestar assistência às iniciativas livres, que já confirmaram sua capacidade de ação e a boa qualidade de seu trabalho. Por isso mesmo que a cultura oficial sofre a tendência a se petrificar, os melhores espíritos procuram, em empreendimentos livres, dar vazão ao seu impulso criador. Mas é para tais empreendimentos que se não tem feito sentir a proteção do Estado que prefere facilmente, a substância pela forma e a realidade pela aparência.

É por isso que registramos, com aplauso, o recente ato da Comissão de Educação e Cultura, da Câmara dos Deputados, que aprovou a concessão de um auxílio inicial de 10 milhões de cruzeiros em favor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, para a construção de sua sede. Contrastando com a Escola e o Museu Nacional de Belas Artes, marcados pela inércia e pela mediocridade, o Museu de Arte Moderna, em menos de um ano deu vida nova ao ambiente artístico desta cidade. Não se trata, no caso, de uma condenação da arte “clássica” em proveito da “moderna”, o que não teria sentido, como julgamento estético. Trata-se de haver ou não arte, que não será clássica ou moderna, mas será a arte que homens de nossa época, nas circunstâncias brasileiras, podem produzir sob o influxo de uma necessidade interior.

Mais importante que o auxílio prestado ao Museu de Arte Moderna, o que vale no ato da Comissão de Educação e Cultura é a afirmação de uma nova política. Como o Museu de Arte Moderna, muitas outras instituições livres estão realizando o que não fazem as oficiais, embora carentes de quaisquer recursos. Merecem ser lembrados, como exemplo, o Instituto Brasileiro de Filosofia — única entidade em que realmente se faz filosofia no Brasil — a Escola Livre de Sociologia e Política, de São Paulo, o Conservatório de Música, de Koellroeter, o Centro de Pesquisas Físicas, de Cesar Lattes etc.

(Correio da Manhã — 14-11-952)

A ARTE E OS POLÍTICOS

MÁRIO PEDROSA

Outro dia, o deputado Jorge Lacerda, que é dos raros representantes nossos no Parlamento que têm amor e identificação com as grandes causas da cultura, levantou na Câmara um voto de louvor e solidariedade do Legislativo aos promotores do Museu de Arte Moderna do Rio e de outras iniciativas de mérito em prol da arte no Brasil.

O voto de aplausos do parlamentar catarinense veio em sua hora, e tocou em pontos fundamentais da vida contemporânea qual seja o das atividades desinteressadas do espírito. Numa época de tarado utilitarismo, os problemas da inteligência criadora, acentuou muito bem o deputado, vivem ao desamparo. A Câmara, entretanto, "tem deveres fundamentais, irrecusáveis com as questões da inteligência e da cultura."

A Casa dos Representantes do povo precisa, na verdade, aproximar-se das expressões mais permanentes dêsse esboço de civilização que estamos tentando construir nos trópicos, sabe Deus como. Urge terminar com o hábito, e não com a idéia, de que democracia é regime sem penacho nem glamorosas personalidades, indiferente aos poderes da imaginação e aos impulsos criadores, por viver num eterno burguesismo prosaico.

Como os antigos mecenas ou os potentados renascentistas, o ditador comumente procura o brilho, a pompa, a grandiosidade, a fachada, por necessidade de propaganda. No Brasil a necessidade de enobrecer-se aos olhos do estrangeiro e de chamar para si as simpatias da inteligência e da cultura, enojadas ou revoltadas pela sordidez e indignidade intrínsecas às ditaduras, mormente as de caráter totalitário como a nossa de 1937, tornou possível a um ministro fantasista e poderoso, rodeado de alguns amigos poetas, realizar a proeza admirável do Ministério da Educação. Mas a essa inusitada circunstância foram postas em prática várias das idéias mais audaciosas e geniais que Le Corbusier só havia até então projetado no papel.

O espírito criador, a verdadeira cultura não florescem senão num clima de liberdade. Sob as tiranias, é claro, os gênios não desaparecem. Ao contrário, muitas vezes irrompem — pela fatalidade mesma de ter de vencer resistências obscurantistas — com violência redobrada. Mas só na liberdade, na democracia, os frutos solitários do gênio permanecem, frutificam e se socializam. A superioridade democrática consiste em criar o clima espiritual mais capaz de dar estrutura, forma e estilo às grandes culturas, às culturas autênticas que marcam os povos com fisionomia própria ou dão a todos os estágios de civilização, mesmo os mais primitivos, o privilégio de sobreviver os milênios.

Pesando essas graves coisas é que Lacerda pôde, da tribuna da Câmara, mostrar "a necessidade inadiável" dos deputados se solidarizarem com movimentos da ordem desses que no Brasil de nossos dias criaram essa estupenda realização que é a arquitetura moderna brasileira e os recentes museus de arte de S. Paulo e do Rio. Os ouvidos parlamentares carecem de alcançar não apenas os anseios desesperados do povo, mas acolher também os anseios não menos inquietos dos artistas, êsses bate-dores heróicos que vão sempre na frente porque participam muito mais do futuro do que do presente.

"Já que não os temos aqui entre nós, — conclui o deputado, — impõe-se-nos traduzir-lhes as inquietações e os anseios, de modo a não favorecer o divórcio da ação política com a da inteligência... Os compromissos dos políticos não se insulam apenas aos aspectos eventuais dos interesses superiores da cultura... Os povos não sobrevivem na história pelos seus empreendimentos materiais, mas sobretudo pela marca inapagável que sua cultura deixa na face do tempo."

Magníficas palavras. E tanto mais magníficas por partirem de um deputado, de um político. A política em nossos dias tende a tornar-se cada vez mais uma técnica e muito menos um combate pela elevação material e cultural do povo. Os poderes públicos à medida que crescem, que intervêm por toda parte, que abarcam todos os aspectos da vida moderna se vão tornando em monstros irresponsáveis de mil cabeças, movidos apenas por uma forma — a da eficiência.

Contra êsse novo Frankenstein o homem é sem defesa. Ou por outra, sua defesa consiste em estimular as atividades desinteressadas, mesmo as atividades pueris. No campo dessas atividades, a de força resistente maior é sem dúvida a arte moderna. Para Mondrian, para Groppius, a única salvação do homem em face da máquina, está em reeducá-lo esteticamente. Em fazê-lo parar em sua corrida sem sentido, em sua afobação quotidiana, para que contemple, se detenha não apenas diante de um quadro, de uma escultura ou de um monumento, mas também diante dos humildes objetos que o envolvem, atento a que as coisas sirvam naturalmente aos fins a que se destinam, as formas sejam adequadas às funções e a ordem derive da sincronização da imaginação com a necessidade.

A arte moderna é a integração do espírito e da matéria. Desde Marx e Rimbaud, a realidade e a poesia ou se fundem ou o mundo entra em caos. Não é possível a dicotomia entre a ação, domínio por excelência da política, e o pensamento, que abrange desde as intuições mais abstrusas da matemática moderna às criações mais abstratas de um Klee ou de um Max Bill. Os políticos de nossos dias ou concorrem para essa harmonia ou estão trabalhando para fazer saltar o mundo, que pretendem estar dirigindo, em mil pedaços, num dêsses dias.